



PRINCEZA YOLANDA, filha mais velha do rei de Italia
(Até Abentacar).

Segunda série—N.º 458

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 30 de Novembro de 1914

Dirêtor: J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L.ª
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	
Ano.....	4880	10 centavos

Agencia da Ilustração Portuguesa em Paris, rue des Capucines, 8

Academia Científica de Beleza

AVENIDA DA LIBERDADE, 23 — LISBOA

Telefone 3:641



Diretora: Madame Campos, laureada da Faculdade de Farmacia da Universidade de Coimbra. Diplomada COM FREQUENCIA pela Escola Ortopédica e de Massagem de Paris. Ex-interna do hotel Dieu, de Paris. Ex-professora (premiada em diferentes cadeiras) e socia correspondente de diferentes Sociedades Científicas; etc.

Tratamento pelos diferentes processos de magnetoterapia, eletrotarapia e mesoterapia. **MACAGEM MEDICA E ESTETICA. CURA DA OBESIDADE:** redução parcial da gordura.

Tratamento das rugas pela electricidade. Tratamento da pele, manchas, pontos negros, sinais de bezigas, sardas etc. Desenvolvimento e enrijamentos dos seios. Proceso absolutamente novo. Resultados surpreendentes com tres tratamentos e informações de senhoras que já fizeram esse tratamento. Para as ex.^{tas} clientes da provincia tratamento especial por correspondencia.

Metodo de evitar que os cabelos embranquecem. Tintura dos cabelos em todas as cores, com a duração de 2 anos. Lavagem dos cabelos com secagem electrica a 50 centavos. Aparelhos, perfumes e produtos de beleza das mehores casas de Paris. Respos:a mediante estampilha.



Alfaiate de senhoras

Martins de Carvalho

C. DO SACRAMENTO, 7, S/LDJA (Ao Chiado)

(Aceita fazendas)

Sabonete preparado com os saes das Aguas



de **Nizella**

o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-00 ASCENSOR

PLANTAI AS NOSSAS ARVORES
COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS

MOREIRA DA SILVA & FILHOS

HORTICULTORES
3-RUA DO TRIUNFO-5
PORTO
CATALOGOS GRATIS

MOZAICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.^a
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 2
TELEPHONE 1244 — LISBOA

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Pele secca, macia, aveludada, reunindo tambem desintegão rigerosa, a que tudo junta, representa SAUDE!

UZAE O Sabonete

DR. CAMARA PESTANA

ALCATRÃO COMPOSTO

QUEREIS POSSUIR? NETTO, NATIVIDADE & C.^a — 19, Rua Jardim do Regedor, 21-A



Todos devem comprar na casa D. E. GOUVEIA & SILVA S. accessor, 84, Rua d' Assunção, 86, Proximo a Rua do Urro.

NATAL
240.000\$00
Bilhetes a 100\$00 e quadragécimos — a 25\$0

M.ºe Caillaux

M.ºe Caillaux esteve em Lisboa. Entrou no Banco Ultramarino, passeou o olhar distraído pela frescura do Campo Grande e almoçou no Café Tavares. Houve quem a visse, ao atravessar o caes do desembarque, sorrir; á saída do Banco Ultramarino, sorrir ainda—e, no restaurante, tirar, d'um *solitario* da mesa, um mólho fresco de violetas e perfumar com ele a cintura e a elegancia do seu vestido de viagem. Os fotografos fixaram ainda, a correr, a sua figura es-



belta, a sua cabeça loira de voluntariosa — e o chapéu de côco de mr. Caillaux.

M.ºe Caillaux não nos deixa, pessoalmente,

mais recordações. E' apenas uma parisiense formosa que passeia e que sorri. D'aqui a dois ou tres anos, M.ºe Caillaux visitar-nos-ha, porém—em drama. Volta á, incarnada talvez em M.ºe Réjane ou M.ºe Simone; e hospedar-se-ha mesmo, durante quinze ou vinte noites, n'alguma excelente tradução dos srs. Acacio de Paiva ou Melo Barreto. A' atriz portugueza que, porventura, tiver, n'essa occasião, a honra de interpretar M.ºe Caillaux, aqui fica muito expressamente recomendado que não esqueça aquele detalhe das violetas—que é teatro e do melhor.

Censura teatral

Deu-se, ultimamente, n'um teatro de Lisboa, um incidente que trouxe á discussão, entre nós, a velha questão da censura teatral. Deve exercerse, não deve exercer-se a censura? Existe, entre nós, uma lei excelente, o decreto de 1890, largamente citada no estrangeiro, creando, com a censura *facultativa*, uma comissão de exame e recurso,



constituída por homens de letras, sistema que Alexandre Bisson quiz aplicar em França. Simplesmente, a famosa *combinaison portugaise*, esse decreto que os outros nos invejam, e que aliaz está, de direito, em pleno vigor, nunca se applicou em Portugal. O que se applica nos nossos theatros é um políicia que, em regra, tem péra—e que, umas vezes, censura; outras vezes, não censura; uns dias proíbe; outros dias não proíbe; frequentemente lê os jornaes e quasi sempre dorme. Este regimen da péra do políicia, em que ha largos anos vivemos, é que, infelizmente, é desconhecido lá fóra.

Historia d'um almoço

Ha semanas, um posto da nossa fronteira de Angola foi surpreendido pela subita visita d'um

pequeno destacamento de forças a'lemãs visinhas. Instalaram-se os alemães, comeram e beberam e, depois da sobremeza, sacudidas á pressa as ultimas migalhas do guardanapo, montaram novamente a cavallo e, com a mais agradecida e enternecedora intenção d'este mundo, apontaram ao peito dos portuguezes as suas pistolas



aperradas. Trata-se d'um official germanico que teve conhecimento do expiendico con invite que, em meados de Julho, o kaiser fez ao seu Estado Maior para almoçar em 1

d'agosto, em Paris — a'moço que, como todos devem estar lembrados, por motivos de força maior, não poude ainda realizar-se. Aque'e militar alemão destacado em Africa, quiz ganhar, de espada e garfo, a Cruz de Ferro, imitando o gesto magnifico do seu imperador, e, na impossibilidade de convidar os seus soldados para o *Café de la Paix*, lembrou-se de lhes proporcionar, em territorio extranho, aquele almoço de Paris-Cuangular. Simplesmente, como a historia é a mestra da vida, para não lhe acontecer como ao kaiser, jurou heroicamente, por causa das duvidas, que havia de almoçar primeiro — e só dar com os pratos na cara depois.

D. Juan que passa

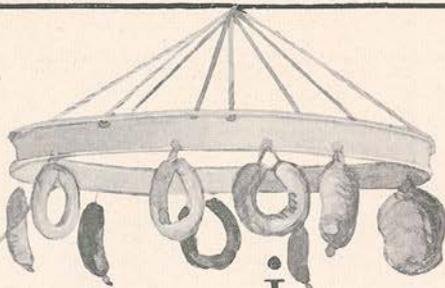


De todas as modas que, em vez de despir, nos escondem Eva, esta das longas capas á *Musset*, de que rezam os figurinos, é a mais insolente e a mais esbelta. A mulher agora embuça-se, como D. João—e ao ve!-a avançar, á noite, no Chiado, traçada sobre o hombro a capa preta, na cabeça a barretina de veludo, onde o penacho da *aigrette* flutua ao vento, um pequenino D. Cezar de Bazan no olhar e uma grande arrogancia romantica na *toilette*, tenho a impressão de que o eterno feminino, cançado de ser conquistado, encontrou finalmente a sua expressão de conquista. Sua Alteza a Mulher-Mefistofeles passa, sob os balcões iluminados de Lisboa. E' ela agora quem tem o manto. Não tardará que tenha tambem a guitarra—e n'esse dia, ó incautos descendentes de D. João, chorae a timidez da vossa virgindade!

AUGUSTO DE CASTRO

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

Os



PATRIARCA

N'UMA tarde de vento e chuva, em dezembro — tarde de temporal desabrido, em que os regatos rugiam, apavorados, e cada um tronco andava como que louco, resolvendo os sarmentos pela face da terra barrenta e encharcada—voltava, pela estrada de Vila Nova, da feira semanal, um mendigo afoito e de largas barbas claras, todo ansioso e de poderosos olhos azuis, que trazia vestido, sob o sacco das esmolas, enfiado n'um varapau, á ombreira, o zéinho comprido e já todo amarelo, feito do capote antigo d'um soldado.

Ao largar da feira, pelas tres horas, apenas umas nuvens escuras, d'um azul formenteo terrível, se erguiam de traz, dos lados suspeitos do mar. Mas já á Portela de Requião, surpreendendo-o no incessante cuidado do seu caminho, a chuva se lhe aproximou e o começou a cobrir, gelada que nem que fosse de ferro. Pareceu-lhe logo, pela força do vento, que vinha ahí um mar de agua, ardente e maldito. Com effeito, as arvores continuavam varejando, enlouquecidas; para as bandas do norte, e ansiosamente, os cabeços envolviam-se de nevoas; de todos os lados, e como que de assalto, abria-se desagradavelmente a nova triste d'uma tarde de treva; e d'ahi em deante, cada vez mais cruel e mais fria, não mais a chuva deixou de correr e bater, obrigando-o, ao velho, a vergar com angustia o seu corpo arruinado de antigo caminheiro de estradas desertas e cidades abandonadas, pelos invernos.

Como a furia do vento zenisse, flexando em onda o horizonte, o mendigo começou clamorando, em dialogo com o estranho rumor que em volta de si se atropelava, avançando e imitando a passagem de uma cavalgada violenta e gigante:

—Eh, vento mau!... Vento de Belzabuth!... Maldito!...

E rematada de todas as vezes, tomando o ar:

—E' o senhor, para experimentar a temperança dos pecadores!...

Agitando a cabeça e dando um salto ao sacco, para traz das costas, continuava, ansioso sob a tempestade, de quando em vez cortando com o braço, ainda que inau-

tilmente, a agua rija que lhe batia a boca e os olhos, parecendo tentar sufo ca-lo.

—Eh, vento mau, chuva má!... Vento de Belzabuth!...

E nem uma alma, toda a estrada ao ermo, n'um infinito d'amargura, atravez a qual só pareciam te-lo comprehendido e chorar com ele a sua desgraça de vagabundo, as folhas vermelhas que se levantavam das carvalhas mortas, rodando, n'um pé de vento, ao seu encontro.

A S. Tiago de Ronfe fez-se-lhe noite na estrada. Eram apenas cinco horas da tarde—mas todas as terras começavam a desaparecer e o fumo, pelos colmaços negros, já subia e voava das la-reiras.

—Anjos de Deus, os meus pecados!... —exclamava, coçando a cabeça, comovido.

Então, a uma varanda de alpendre, encontrou uma moça roliça e quente, com talvez vinte anos, cuja face rosada e grandes olhos escuros se alumiam, de dentro, á luz doirada de uma candeia caseira.

—Fidalgos!... São os piores!... —objeto a si proprio, continuando a coçar a cabeça pelos buracos abertos no chapéu... Todavia, o que lhe restava? Pedir, fosse a quem fosse. Demais, a cama, o lume, a agua e o pão, não se negavam. E então foi bater ao lado, á aldrava d'uma cancela, dentro da qual, na escuridão, lhe parecia ter ouvido vozes.

—Oh! almas de caridade!...

Quem quer que fosse parára de conversar, escutando...

—Umias palhas, fieis de Deus!...

E o mendigo, ouvindo dentro, de novo, as vozes dos lavradores, que conversavam no eido, bateu outra vez á cancela, e logo começou rezando.

—Padre nosso, que estaes nos ceus, santificado seja... O' irmãosinhos! O' anjos de caridade!... Venha a nós o vosso...

—Vocemecê que quer, santinho?... —perguntou o dono da casa, que abriu a cancela, á luz do lampeão sujo, de quatro vidros.



STUART

O mendigo des-
briu-se.

—O senhor lhe dê
muito boa noite. E' que
eu venho de muito lon-
ge... Se vocecê, por
caridade, me deixasse dormir na barra da cór-
te...

—E vocecê de onde é?

—Eu, senhor, sou de longe. Sete leguas
acima de Fafe! ..

Os lavradores juntaram-se todos á cancela
e o velho, entretanto, contou:

—Venho, senhor, lá da feira de Vila Nova.
Não se amanhou dê réis. Todo o santo dia
faz frio, se Deus o dava. Uma desgraça!...

—Vocemêcê sabe a quanto correu o mi-
lho, na feira? — interrogou um lavrador ido-
so, empuçando o capote pelas suissas, e
atravessando, para sair.

—Eu ouvi dizer que a pinto e dez... — res-
pondeu o mendigo, coçando a cabeça e fir-
mando, adiante, o varapau. Mas isto ouvi eu
dizer, que, quanto ao mais, eu sou pobre, não
compro...

Os lavradores, em seguida, abriram alas.
—Entre vocecêcê, que come o caldo com-
nuco e dorme aí n'umas palhas.

O velho, avançando sobre os estrumes en-
xarcados do eido, á luz vermelha de um
lampeão, trepou a custo os degraus de pe-
dra da escada da cosinha, e entrou na casa,
frioento, com duas lagrimas de alegria
para as chamas da lareira, que já lambiam
um grande painel de barro com a mesma
anciedade e fulgor sugestivos com que, no
oratório da estrada, devoravam, pintadas, as
alminhas do Purgatorio...

A mesma rapariga forte e rosada, de an-
tes, no alpendre, cobrindo um capote azul,
dobrava-se agora para o lumaréu impertiga-
do, contente, ameter os gravetos verdes sobre
o ferro duro da trempe, que estalavam
e principiavam a resumir, nas extremidades,
uma fervura peganhenta e auciosa.

Na parede, em cima, a candeia de zinco
lambia, já negra, as paredes negras da casa
pedada e mal construída.

Entalado contra a parede do fundo e qua-
si envolvido na sombra, ficava o forno da
cosedura, mostrando na padieira de sobre a
portada, á luz quente das labaredas, a al-
motolia de folha, o cartuxo da pimenta, uma
cabaça negra do vinagre, uma tijela vidrada
e a réstia, caseira, dos alhos secos.

Cá, ao alto das chamas da ceia e sob o
respiradoiro de telha vã, suspendiam-se á vol-
ta do arco do fumeiro, como de casa abasta-
da que eram, os chouriços de carne, as atá-
cas em rufegos, que se rugiam com grelos
pelos Entrudo, as chouriças de sangue para o
arroz do jantar domingueiro, e um palαιο,
um palαιο enorme e todo doura-
do do reflexo do lume, que seria
uma fortuna quando picado na
sopa, pelo dia de Ano Bom, do
fundo da alma de to-
do o seu encantado e
minhoto perfume de
cominhos.

—Aperta bem o
craavelho — recomen-

dou a dona da casa
ao marido, entrando
os dois para cear.

Ao mendigo levaram-lhe o
zézinho enxarcado, que a mo-
ça foi entalar n'uma forcalha,

lá ao fundo, junto da barra sombria do forno.

E descoberto o painel, instantes depois, que
chiava de fervura, alçou-se d'ele um vapor azul-
ado e alegre, que envolveu n'um momento a la-
reira onde as chamas já minguavam, da lenha
miuda tornada em cinza alvissima e fina. Come-
çaram então a comer, já noite feita, e ante aquele
lume por vezes alaranjado, que parecia recolher-
se, tímido do vento que lá fóra levava ao chão as
pontas grossas das japoneiras sombrias do horto.

—Se assim chove pela Senhora da Luz!... —
suspirou a patrão, erguendo as couves no garfo
forjado. Faz um tempo, louvado Deus!...

—Nós ainda não pudemos deitar a tesoura ás
vides... — elucidou o marido para o mendigo. Pod-
dar?... Quem fala n'isso!...

—Ele o ano — respondeu o velho — se assim con-
tinúa, vai ser de farturinha!

—Ou de fome!... — retorquiu o lavrador, olhando,
cismático, para a sombra misteriosa do tétó.

—Cala-te, Manuel; que até o Senhor nos pode
castigar!...

—Não que ele... Tu não vês, mulher?... Tu
não ouves!...

Rugia a chuva lá fóra, castigando as arvores.

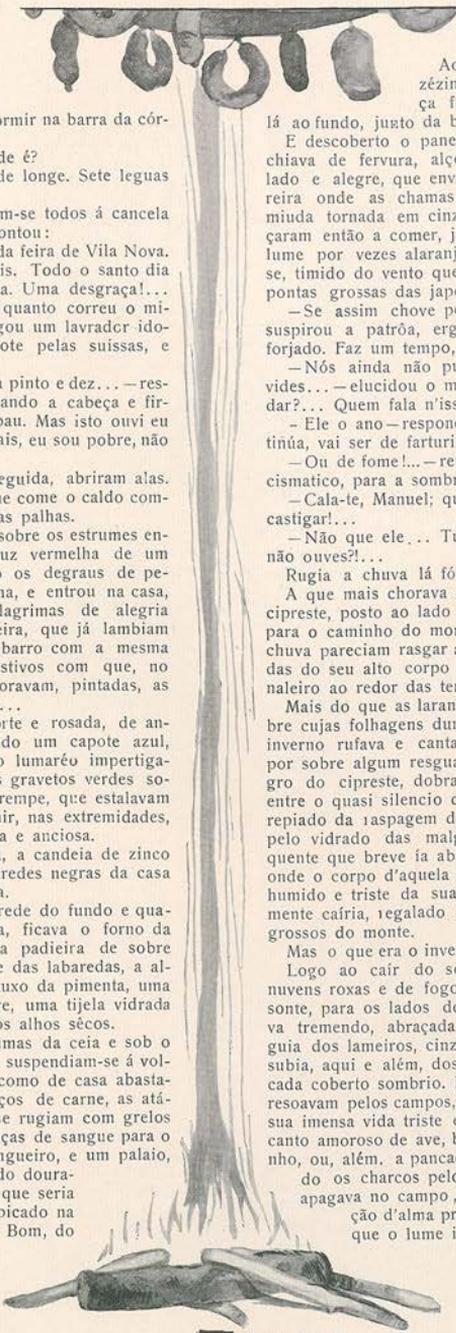
A que mais chorava e se revolvia, era o velho
cipreste, posto ao lado de cima da casa e voltado
para o caminho do monte, a quem o vento e a
chuva pareciam rasgar a uma e uma as fibras to-
das do seu alto corpo sombrio de platonico si-
maleiro ao redor das terras longinquoas da aldeia.

Mais do que as laranjeiras, que lutavam, e co-
bre cujas folhagens duras e cerradas a agua de
inverno rufava e cantava, diabolicamente, como
por sobre algum resguardo de zinco — o roble ne-
gro do cipreste, dobrando e chorando, evocava,
entre o quasi silencio da cosinha, por vezes ar-
repiado da raspagem do ferro grosso dos garfos
pelo vidrado das malgas, a preguiza da cama
quente que breve ia abrir-se para cada um, cama
onde o corpo d'aquela gente isolada no ermitério
humido e triste da sua casa do campo pesada-
mente caíria, regalado e morto, como os cepos
grossos do monte.

Mas o que era o inverno mais que aquilo?...

Logo ao cair do sol — se sol havia — com as
nuvens roxas e de fogo que enodoavam o hori-
zonte, para os lados do mar, toda a aldeia fica-
va tremendo, abraçada do nevoeiro que se er-
guia dos lameiros, cinzento como a fumarada que
subia, aqui e além, dos colmaços enxarcados de
cada coberto sombrio. Depois, trindades batiam e
ressoavam pelos campos, que não tinham, atravez a
sua imensa vida triste e monotona, nem um só
canto amoroso de ave, balado cristianismo e reba-
nho, ou, além, a pancada forte dos pbois estalan-
do os charcos pelos caminhos. Então tudo se
apagava no campo, tudo... Era uma desolu-
ção d'alma profundissima, aquela... Até

que o lume incerto das candeias come-
çava a lambear as pedras
negras de cada lareira
e o vent o cantava con-
tra as portadas, arras-
tando para ali, por ve-
zes, a neve distante e



STUART.

desapiedada, que vinha hirta como um fantasma, voando sobre o gume barbaro das montanhas!...

Tinã-se acabado o caldo e começaram a resar. Sobre os hombros do cavador, que derrubára para os olhos meios dormentes a aza larga do chapéu, acomodava-se e ondeava o seu capote de inverno, forte e pesado, enquanto a mulher, curvada e envolta no chaile negro, corria agora sob o polegar gretado as contas grossas, de osso — lançando, para todos, metade de cada oração.

Do fundo, junto ao escuro do forno, a moça respondia, tolhida de frio e triste dos zumbidos de agoiro que ovento erguia na tempestade, mordendo e destroçando as folhasdas ultimas quasi nenhuma cõpas do inverno.

Ao mendigo, a esse perdiã-se-lhe os olhos azues e moles de sono na braza redonda e alta que

a lareira se reduzira, abstrato, como que souhando!... Um clarão cõr de barro e tranquilo iluminava-lhe toda a mascara em que a barba, alargando, desalinhada, ampliava a unica nota estranha d'aquella figura a contar e, talvez ainda, a sonhar, a procurar miseria!...

Via-se, com curiosidade, como ele minava, anciando encontrar ao fundo, no fogo, e ainda que dolorosamente, toda a remota ambição, cortada dos farrapos tragicos da sua vida e n'eles como que confundida, submersa, de um sonho enorme que tivera!... Ser rico!... Ser rico!... Porque não? Em redor, entanto, o ambiente da cozinha, comovido das vozes que eram religiosas e profundas, indolencia, suspenso na sombra, mais carinhoso e quasi d'além mundo!...

— O' Maria concebida sem pecado!...

Pestaneando ás brazas, o mendigo respondeu, com abstração:

— Rogae por nós, que recorremos a vós...

E todos ficaram, como hipnotizados, olhando e bemdizendo a pedra escrava do lar...

Quando o sino da aldeia, a distancia, tocou pelas «almas», e depois de terem resado, todos, á excepção do mendigo, se levantaram.

— Vai tu, ó Rosa, alumiã ao homemsinho — recomendou para a criada, erguendo o capote, o dono idoso da casa.

— Ah!... — exclamou, subito, o mendigo, coçando-se e estremecendo todo. Se vocemecês, irmãosinhos, me deixassem dormir aqui, ao calor das brazas, n'este preguiceiro!... E' que eu sou de longe, bemeitores; e, para se me não fazer tarde, queria levantar-me ao nascente e partir por'í fóra...

— Mas vocemecê aqui morre de frio! — argumentou a mulher do cavador.

— A'gora morro!... Aqui é quente!

— Pois olhe: durma. As brazas pouco podem durar. Dá-lhe tu, ó Rosa, a manta velha da eira.

E o mendigo, até que o cobriram e o deixaram só, continuou pensando, absorvido de uma idéa qualquer, com os olhos podesosamente fixos nas brazas...

Veiu a manhã. Era uma quinta feira. O dia abriera envoltos, mas mais leve que os ultimos dias d'aquella semana.

Para o longe dos campos e sob o pinheiral, enxarcados, abria-se, de um rasgão violento de nuvens, uma claridade prateada, que refletia em todas as terras uma luz fresca, moça, e precursora do sol, n'essas manhãs incertas do inverno.

Na quinta, os donos tinham chegado da cama e conversavam dos milhos, quando o mendigo, em cima, depois de encostar a porta da cosinha, veiu descendo

a um e um os degraus de pedra, os pés alagados de lama seca e a saca ao hombro, pronto para a partida.

— Já! — interogou, admirado, o lavrador.

— Ah!... Vou-me á vida, que se me faz de noite pelo caminho. Deus os ajude e lh' o acrescente. Vou-me, vou-me... Adeus, meus irmãosinhos. Adeus, meus bemeitores. Patriarcas vão comigo; anjo da guarda

fique com vocemecês!

— Espere um pouco, santinho. Come o caldo com-nosco — prometia a dona da casa, comovida na sua caridade.

— Nada... Não... Faz-se-me como de noite... Adeus... Patriarcas vão comigo; anjo da guarda fique com vocemecês. Adeus, meus irmãosinhos!...

— Então, adeus...

— Vã com o Senhor... — respondeu de cima a creada, que deitava uma roupa a secar na varanda vermelha do alpendre.

— Patriarcas vão comigo... Anjo da guarda fique com vocemecês...

E foi andando, estrada fóra olhando e andando, até que ao longe, de sacó ás costas, desapareceu na curva facil da estrada.

Uma hora depois os velhos subiram á cosinha, para o caldo, e entravam a combinar, sobre as primeiras gartadas, que se o sol desse uma abertura, poriam o milho a desengolhar na eira, quando subito, largando de espanto a malga para o soalho, o velho estacou, olhando maguadamente para o fumeiro...

— O' Rosa!... Bem dizia o ladrão do pobre: «patriarcas vão comigo!»...

— Que é?...

— Os salpicões, mulher!...



ALFREDO GUIMARÃES.

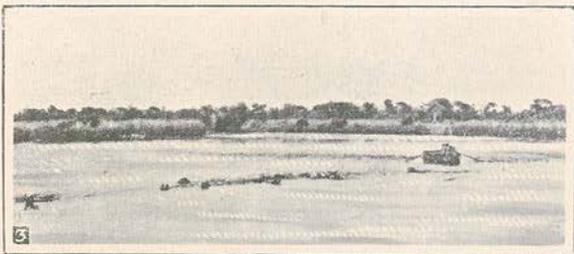
Os alemães investem contra um forte de Angola



1. O tenente de infantaria, sr. Joaquim Ferreira Durão, capitão-mór do Baixo Cubango, morto no Cuamato—2. O tenente de infantaria, sr. Henrique José de Sousa Machado, desaparecido no Cuamato e que se supõe tenha sido assassinado.

Os alemães que, apesar das suas vaidosas atitudes guerreiras, só se sentem fortes quando o seu numero de homens é superior ao do inimigo, praticaram mais uma das suas façanhas, atacando o posto militar de Cuangar, que dista cerca de 400 quilómetros do forte de Nauila. A guarnição do posto era pequena, pois se compunha apenas de 2 officiaes, 4 sargentos, 18 cabos e soldados europeus e 63 solda-

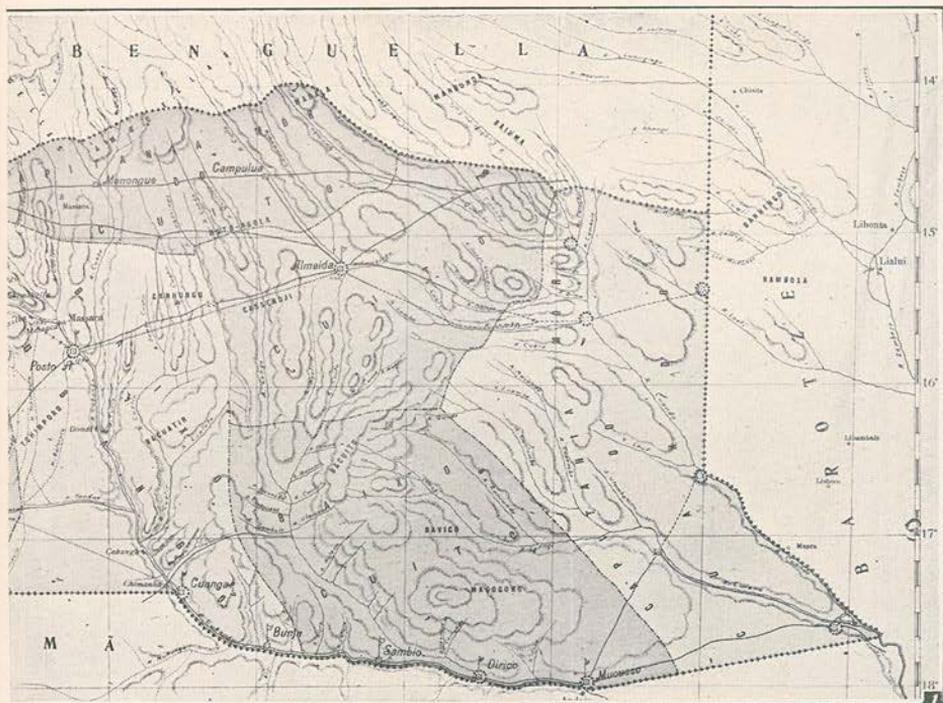
dos e cabos indigenas, espalhados por varios pontos da fronteira e destinados a manter a nossa soberania entre os indigenas das duas margens do Cubango e em toda a região do Baixo Cubango. Reduzidissima, como se vê, a guarnição d'aquelle posto; mas os nossos soldados, que em todos os tempos se teem mostrado de tanta coragem que algumas vezes teem causado verdadeiro assombro, repetiram os seus atos de bravura repellido com energia a brutalidade dos alemães, que tiveram de voltar ás suas fronteiras, sempre per-



O rio Cubango em frente do posto de Cuangar



A fortificação do posto militar de Cuangar



de Angola

induzir os indigenas, pelas suas intrigas e promessas, a sublevarem-se contra a nossa soberania, tentou esse esforço cobarde de que recebeu paga condigna. E mais terá a sofrer quando o grosso da expedição, sob o comando do tenente-coronel sr. Alves Roçadas, possa defrontar-se-lhe e responder-lhe com a galhardia e valentia dos seus homens ao assalto traiçoeiro com que pretendeu surprender



Um soba com a sua familia

Ilhas de Quinua no rio Cunene

um pequeno numero dos nossos soldados.

Os alemães hão de saber por experiencia propria que o pequeno Portugal tem homens com tanta coragem e energia e são tão valentes como os que descobriram para a civilização novos mundos e combateram ao lado dos mais ousados guerreiros em muitas campanhas da Europa.



EM FRENTE DA BANDEIRA

Salvé! salvé pendão! és tu que simbolizas
A Pátria nossa mãe, bandeira lusitana,
E aos ventos desfraldada és tu que profetisas
A glória aos filhos teus em luta sobrehumana!

Hoje encarnada e verde, out'ora azul e branca,
O velho Portugal és tu que o representas;
Sejamos pois contigo em comunhão bem franca,
Pendão do meu paiz que o coração me alentas!

Portuguezes, ouvi: é nossa aquela raça
Que a historia assinalou e que sorrindo passa
Marchando para a Glória em vigorosa crença;

Pois bem! esta bandeira ó gente Portuguesa
Juremos defender com alma e com braveza
Formando em torno d'ela uma muralha imensa!

Lisboa--1914.

JOSÉ CORDOVIL.

STADT.

O novo presidente da Republica Brasileira.

— No dia 15 d'este mez por occasião do aniversario da gloriosa revolução brasileira, tomou posse do cargo de primeiro magistrado da nação nossa irmã o sr. dr. Wenceslau Braz, que fôra vice-presidente do ultimo quadriennio e presidente do Senado, logar a que corresponde aquele cargo.

O novo presidente da Republica Brasileira é formado em direito e foi deputado á assembléa legislativa de Minas Geraes, de cujo Estado tambem foi presidente. A sua vida politica é uma afirmação do muito que



O sr. dr. Wenceslau Braz, novo presidente da Republica Brasileira

ha a esperar do seu criterio e justiça no logar proeminente que lhe foi confiado por escolha de todos os Estados federados no dia 1 de março do corrente ano.

E, como as nossas sympathias pelo povo brasileiro são d'aquellas que nos causam regosijo pelos seus acontecimentos de prosperidade e de grandeza, e tristeza pelo malogro das suas aspirações, felicitamos aquele povo na pessoa do sr. dr. Wenceslau Braz, seu legitimo representante, fazendo votos pelos constantes progressos a que pelo seu trabalho tem direito os nossos irmãos de além-mar.



Sr. dr. Campos Lima

Campos Lima. — Este nosso colega do *Seculo*, que é ao mesmo tempo um advogado muito distinto e sobejamente conhecido no fóro portuquez, deu á publicidade, editados pela livraria Bertrand, dois livros que demandam muitissimo estudo e que por isso redobra o seu merecimento. Os livros intitulam-se *O Estado e a Revolução do Direito* e *Caracter Juridico da Operação de Recrutamento dos Funcionarios Publicos*.

Melo Cabral — E' um novel poeta que acaba de publicar um delicioso livro de versos, que intitulou *Noite de Sonhos*. A sua produção tem originalidade e os versos, muito cuidados, demonstram já o que ha a esperar de futuros trabalhos com que porventura venha a mimosear-nos.

Para o genero bucolico revela o sr. Melo Cabral raras aptidões, sendo muito apreciaveis os seus sonetos em tal genero.



Sr. Melo Cabral



No mosteiro de Leça de Baíto, depois de uma festa de confraternisação dedicada aos illustres artistas italianos Vincenzo Belleza e Eurico Pazzi. Ao centro o sr. dr Magalhães de Lima, ladeado pelos dois artistas.

Para os feridos da guerra

A terceira remessa de socorros para os feridos da guerra, feita pelo *Seculo*, pôde dizer-se ainda mais importante que as duas primeiras. São mais de 8.000 peças que a constituem. Abundam os agasalhos. Nem podia deixar de ser n'esta quadra de frio em que entrámos. Mantas de lã, ceroulas e camisolas de flanela e de malha, todas fortes e predominando a lã, coletes encorpados de malha, sapatos de trança e alpergatas, meias de lã, toalhas, tudo isto do melhor que produz a industria nacional, ligaduras e ataduras, talhadas segundo os melhores modelos hospitalares, formam um monte consideravel de objetos utilísimos que não tardarão a ser distribuidos pelos pobres feridos, sem distincção de nacionalidades.

A obra do *Seculo*



Um aspecto da exposição

e dos seus generosos leitores é uma obra altamente abençoada. Não houve uma só pessoa que visitasse o salão da *Ilustração Portuguesa* que não estacionasse comovida diante d'esses objetos com a idéa das dôres, das angustias, das agonias que e'es vão suavisar.

Deu-nos tambem d'esta vez a honra da sua visita mr. Daeschner, illustre ministro da França, acompanhado do seu secretario mr. de Montille e de madame de Montille, encontrando-se já no salão á espera de suas excellencias mr. Rombert Nizart, cidadão belga e grande industrial em Lisboa.

As impressões que todos levaram não podiam ser melhores.



Artigos que constituem a nova remessa de roupa para os feridos da guerra



No salão da Ilustração Portuguesa: Da esquerda para a direita, os srs.: José Graça, ministro da França, a esposa do sr. José Graça, a esposa do primeiro secretario da legação de França, Robert Nizart, presidente do «comité anglo-franco-belga» e o secretario da legação franceza mr. de Montille.—(«Clichés» Benoitel).

A Europa em guerra

O conflito continúa cada vez mais pavoroso. As primeiras chuvas e as primeiras neves do inverno não fizeram arrefecer esse ardor com que se combate de lado a lado. Vão dificultando, é verdade, as operações, mas estas continuam, apesar de tudo, ceifando muitas vidas e semeando ruínas. Combate-se sob a chuva e mesmo dentro d'agua para cima da cintura, enquanto não to-



lhe o movimento dos braços, como aconteceu nas grandes inundações provocadas pelos belgas, abrindo as comportas dos seus rios.

Os alemães continuam a recuar evidentemente; todos os dias perdem mais ou menos terreno; mas, infelizmente, não se antevê para estes dias mais próximos o desfecho da segunda grande batalha e de tão medonha luta.



1. O rei dos belgas conversando com um general francez na praça do Mercado em Turnes — 2. Prisioneiros alemães, atravessando Turnes, conduzidos pela cavalaria argelina. — (Clichés M. Branger)



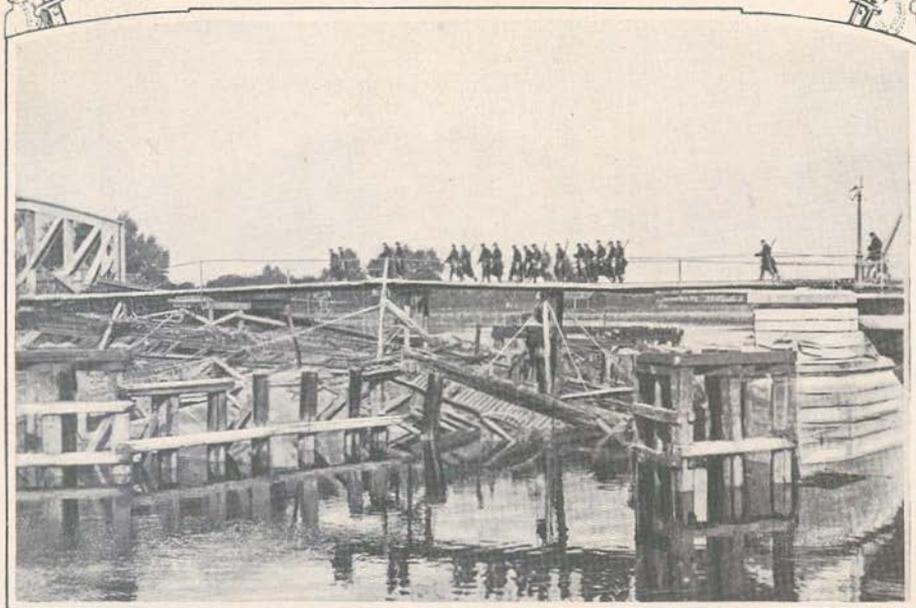
A artilharia pesada alemã surpreendida pela inundação provocada pelos belgas



Uma carga de cavalaria francesa sobre os alemães em Lassigny.



Pelotão de hussardos franceses fazendo um reconhecimento nas margens do Sena

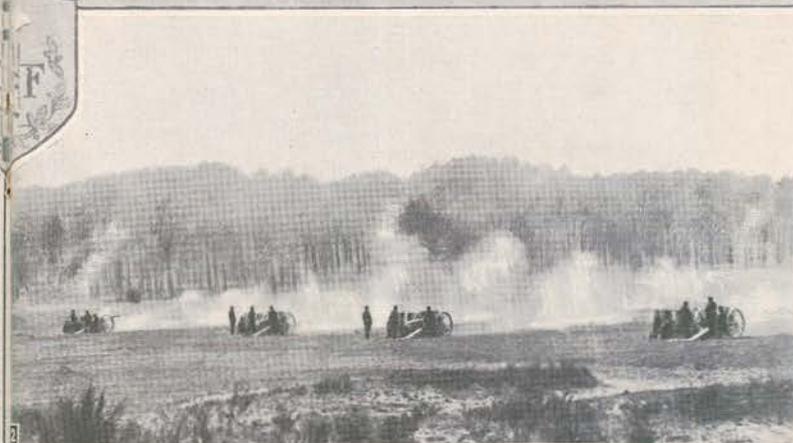


Destacamento belga atravessando uma ponte provisória no Yser

(«Cliché» M. Branger).



O rei dos belgas condecorando com a Legião de Honra a bandeira de um dos seus regimentos.—(«Cliché de Chusseau Flaviens».)



1. Condecoração de um heroe diante das tropas no campo de batalha.—(«Cliché» Chussen-Flaviens).—2. Bateria de 75 em ação nas margens do Aisne.—(«Cliché» M. Branger).



3. Secção de zuevos à entrada de um bosque recebendo ordens para sair em reconhecimento.—(«Cliché» M. Branger).—4. Na Argonne: Um regimento de infantaria desfilando entre o bosque.—(«Cliché» M. Branger).

Portuguezes ao serviço da França. — Em fins de agosto ultimo começou a funcionar em Lourdes, rua Laugelle, um hospital de sangue denominado «Hôpital Temporaire Saint-Joseph», cuja direção e administração foram a pedido do governo francez, confia-



1. Sr. dr. J. Paiva, chefe da secretaria; 2. Sr. Francisco Barata.

das a compatriotas nossos, que gostosamente acederam a tão honroso convite.

Os serviços ali prestados por esse grupo de portuguezes são já relevantísimos, porque teem contribuido poderosamente para a dotação do referido hospital e conforto dos feridos que n'ele são recolhidos. Sendo insufficiente a dotação concedida pelo governo francez, que é apenas de fr. 1,50 por cada doente, os nossos compatriotas conseguiram, por meio da caridade, recolher muitas roupas e varios donativos que garantem aos feridos um relativo bem estar no hospital que dirigem.

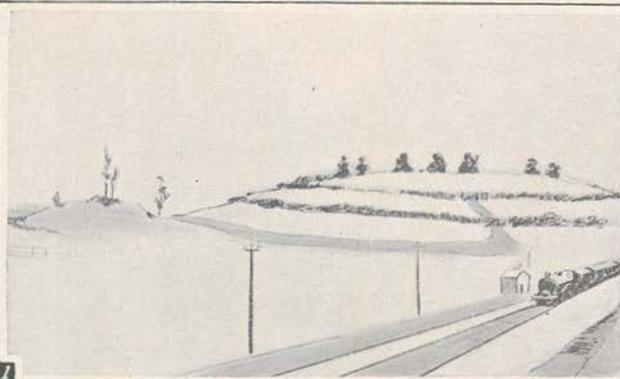
Estes portuguezes teem captado geraes sympathias não só da parte dos francezes que admiram o seu trabalho de organização, mas da dos portuguezes que teem assistido ao tratamento dos feridos internados no novo hospital.



2. × Monsenhor Carlos Costa. No chão, sobre um brancard um joven advogado ferido com um tiro em um joelho por um official alemão, cujo equipamento conserva como trofeu. — 3. 1. Monsenhor Carlos Costa, 2. Conego Antonio José Moita, diretores; 3. Sr. Francisco Barata, secretario.



Tropas argentinas em França para marcharem para a guerra



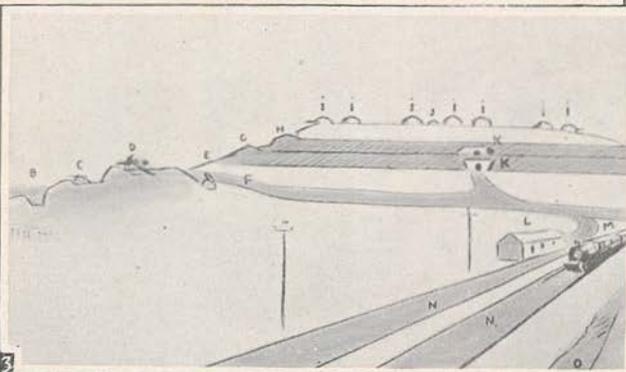
em liberdade pela inocência da paisagem que o desenho representava, mas um membro do estado maior traduziu pela maneira que o segundo grafico descreve, e que é a planta de um dos principais fortes da fronteira Nordeste da França, cuja tradução é a seguinte:

A, defesas accessorias; B, trincheiras para infantaria; C e D, peças de campanha; E, obús de posição; F, entrada; G, fosso exterior; H, fosso interior; I, torres blindadas para artilharia; J, torre de observação; K, dupla entrada do forte; L, estação de caminho de ferro; M, armazens de caminhos de ferro; N, dupla via ferrea; O, fosso cheio d'agua; P e aspas, sinais de orientação.



Uma das causas a que os alemães devem o não terem sido ainda vencidos de todo é a forte e incessante espionagem que antes e depois da guerra os subditos do *kaiser* tem exercido nos paizes estrangeiros. Agora, porém, todos os paizes a que miseravelmente foram arrancados os seus planos estão dando caça a esses perigosos elementos delatores, mantendo-os em prisões ou pondo-os alem-fronteiras.

O nosso estimavel colega madrileno *A Esfera* publicou os dois graficos que reproduzimos, o primeiro dos quaes foi apreendido a um espião que estava para ser posto



1. Plano apreendido a um espião.—2. Um espião alemão conduzido pelos aliados.—[«Clichés Berliner Illustration»].—3. Grafico explicativo do plano, aparentemente inofensivo, que foi apreendido a um espião alemão.



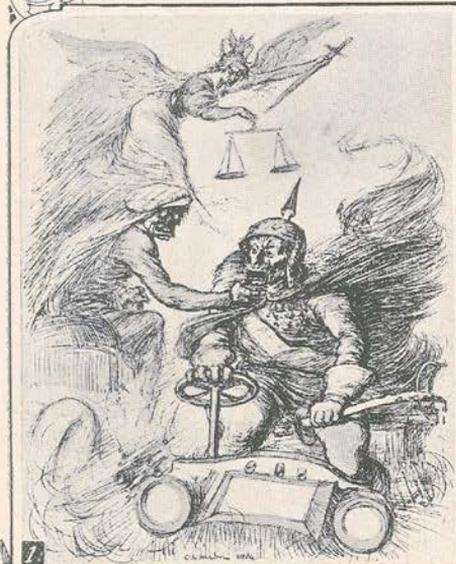
Em uma cidade da Bélgica os soldados ingleses distribuindo cigarros aos lanceiros belgas.—(«Cliché» M. Branger).



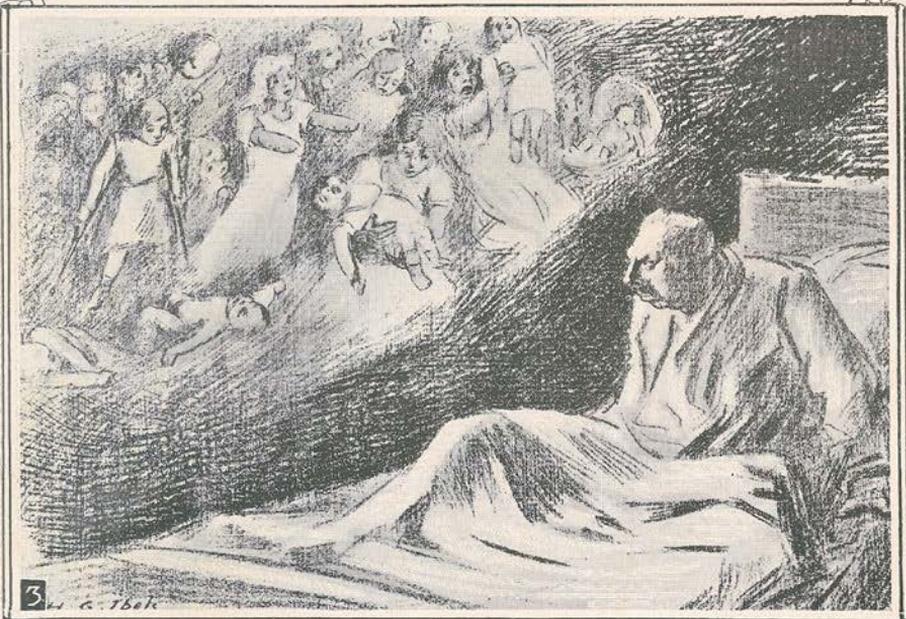
O parque de aeronautica franceza no Este



Uma metralhadora belga em ação em uma aideia entre a linha de Nieuport e Dixmude
(«Clichés» M. Branger).



1. O encontro do celebre bandido Bonnot com o Kaiser:—Eia! como estás palido, camarada! (Léandre).
2. O banquete de Attila II. (Noel).



3. G. Ibel

A insônia do Kaiser (H. Boulet)

(De «La Grande Guerre par les artistes»).



1



2

1. Um ataque dos japonezes contra um dos fortes de Tsing-Tao—2. Uma dama da Cruz Vermelha japoneza

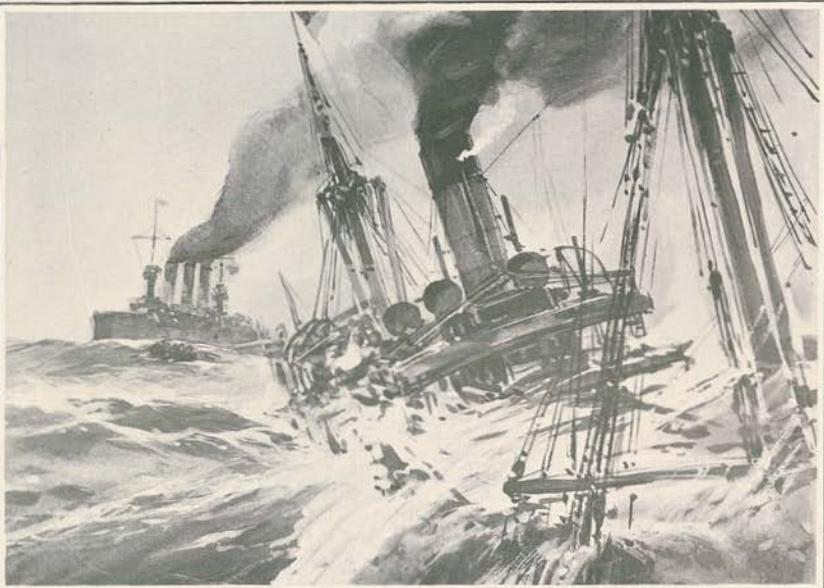
(«Cliché» Berliner Illustration)



REV.



Aspêto noturno das selvaçerías alemãs sobre a margem do Mosa



A última proeza do «Zmden» em Bombaim

(«Cllichs» Abeniacar.)



1. Spahis conduzindo alemães prisioneiros feitos na Bélgica.—2. Os ingleses instalando uma das suas peças de grosso calibre.



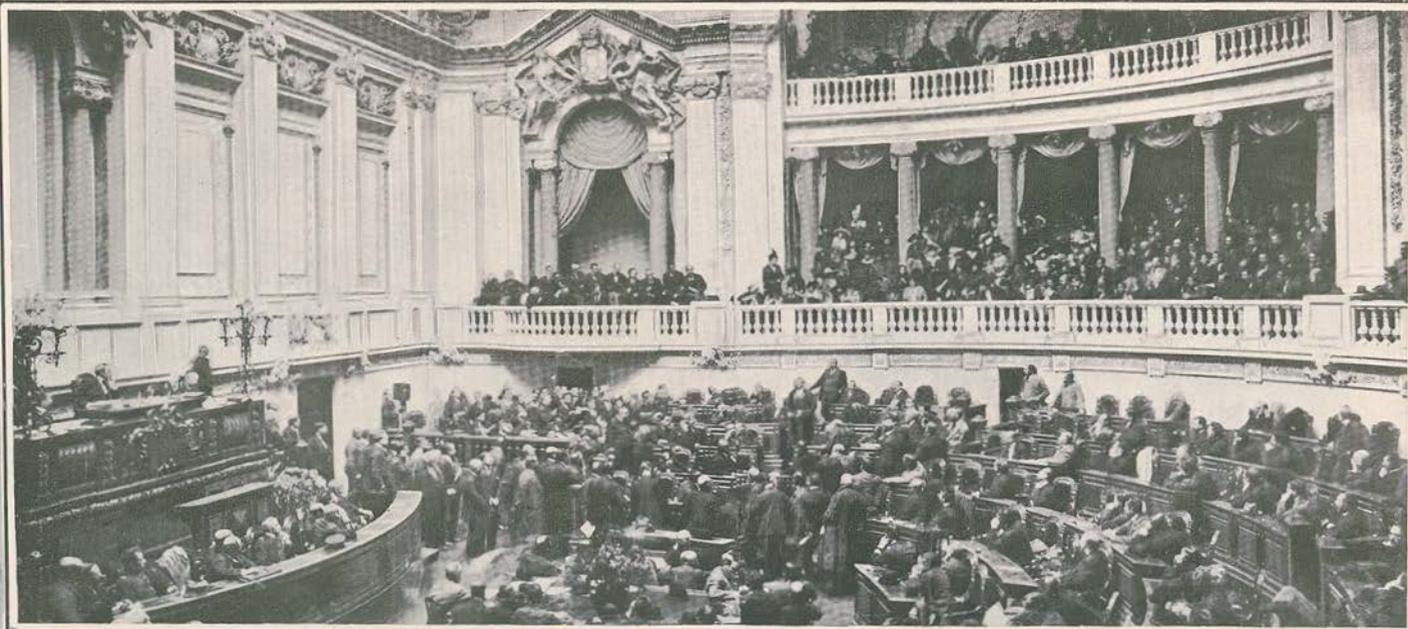
Coluna japonesa de munições em marcha



O último assalto a Tsing-Tao

(«Cliché» Berliner Illustration).

PORTUGAL NA GUERRA



Aspêto da reunião do Congresso no dia 23 de novembro. — («Cliche» Benoitel).

No dia 23 reuniu extraordinariamente o parlamento portuguez para se definir claramente a attitude de Portugal na conflagração europia. As sessões foram imponentes, assistindo a ambas quasi todos os seus membros, que votaram, depois das declarações dos chefes de partido e dos *leaders* das camaras, o seguinte projêto de lei apresentado-pelo governo: T

«E' o poder executivo autorizado a intervir militarmente na actual luta armada internacional, quando e como o julgue necessario aos nossos altos interesses e deveres de nação livre e aliada da Inglaterra, tomando, para esse fim, as providencias extraordinarias que as circunstancias do momento reclamem».

Tanto n'uma como n'outra camara houve manifestações retumbantes de entusiasmo, dando-se vivas aos paizes aliados e á Republica Portugueza. A resolução do governo e do parlamento traduziu bem o sentir do povo portuguez, que quer marchar para o campo de batalha onde se combate em prol da civilisação e da liberdade.

Tribunal marcial.

— Para julgamento dos revoltosos que tentaram contra as instituições no celebrado movimento de Mafra, no mez de outubro, já estão nomeados os officiaes que



devem constituir o tribunal marcial. A escolha recaiu em officiaes que merecem toda a confiança da Republica e que ao serviço d'ela teem posto os seus melhores esforços.

Tribunal de guerra para julgamento dos conspiradores:

1. General sr. José de Oliveira Garçal de Carvalho Campelo de Andrade, presidente—2. Tenente sr. Manuel José da Silva, secretario—3. Capitão sr. Osório defensor officioso—4. Coronel sr. Teofilo Trindade, promotor



O sr. José Neto de Oliveira, filho do antigo director do Banco de Portugal, sr. Gomes Neto, J. falecido, e que morreu em Lisboa ainda muito novo

Lord Roberts.

— Justamente na occasião em que se preparava para marchar para o teatro da guerra, faleceu o illustre general inglez «Lord» Roberts, um dos ornamentos de



«Lord» Roberts

maior prestigio do exercito da nação nossa aliada.

Com a morte inesperada de «Lord» Roberts perdeu a Inglaterra um dos seus mais denodados e estrenuos defensores.



O general reformado sr. J. Julio Martins Cruz, antigo segundo commandante do corpo de policia civil de Lisboa, falecido ha dias



Mr. e madame Caillaux + atravessando a ponte da Parceria para embarcarem para o Brazil («Cliche» Benoitel)

TEATROS

Opereta Italiana no Politeama

A companhia Vitaie continúa com exito as suas representações de opereta. Deu-nos agora além dos exotismos da «Geisha», a «Picoia Anica» de Strauss, a «Mam'zelle Nitouche».

«Picoia Anica» é genero austriaco — do mais puro sangue e a «Mam'zelle Nitouche», tão nossa conhecida, é do mais galante repertorio francez.

Heiena Bay realisou a sua festa artistica e, mais uma vez, nos é agradavel testemunhar o apreço que nos merece esta insinuan' e atr z, pequenina escultora animada por um vivo talento de comediante e um fio delicado e harmonioso de voz. A nossa pena é que ela se chame aenas «Bay». Gostaríamos agora que está de partida de lhe acrescentar o apelido de «Bolsa».

«Chuva de Filhos», no teatro do Ginasio

A «Chuva de Filhos», que está sendo tambem representada em Madrid, é de origem americana. Traz d'essa procedencia o feitiço ingenho, às vezes quasi infantil, do humorismo yankee e a lucidez exotica das suas caricaturas. Nada de Courfeline ou de Feydeau. É a farça, a farça de situações, desopilante, alegre, despretençiosa — a farça domestica, em que ri o pae e ri a mãe, ri o menino e a menina, riem todos quantos estão. A ironia gaulleza,

a malice a do «bou'evair», são substituidas por uma dóse macissa de bom humor e por um espirito comico que diverte — que, positivamente, diverte e não ofende. Ha pessoas que, em teatro e sob este aspecto, gostam de ser ofendidas. Mas ha tambem, ainda, felizmente, em maior numero, os «vulneraveis». Esses podem ir ao Ginasio ver a «Chuva de Filhos» — na certeza de que, se não trazem de lá emoções ou coisas novas, tambem não levam, na alma, contrabando para o chá e bolos da familia. O desempenho que á peça de Miss Mayo dá a companhia do Ginasio é animado e colorido. Ema de Sousa, a estreiante, é gentil e ha de fazer progressos.

«Verdades e Mentiras», revista de Eduardo Schwalbach no Teatro da Trindade

O teatro da Trindade tem agora a honra de representar



Verdades e Mentiras.

uma nova revista de Schwalbach — o grande mestre dos «Retalhos de Lisboa», o comediografo do «Intimo e d'Os Postiços». Eduardo Schwalbach creou, dentro da revista, um genero seu, em que a satira, a filosofia dos cos-



Atriz Alda d'Agular, do Ginasio

Atriz Giselen Mrosini, atualmente no Politeama

Atriz Ema de Souza, do Ginasio



Silvestre Alegria e Mendonça de Carvalho, do Ginasio



Atriz Emilia Gottardi, atualmente no Politeama

tumes, a comédia e a ternura, inteligente e deicadamente se temperam e completam. Nas «Verdades e Mentiras», o dramaturgo da «Cruz de Esmola», recolheu trechos de revistas antigas, figuras velhas e episódios conhecidos de outras obras suas do genero — e acrescentou-lhes algumas coisas novas, original e pitorescamente encontradas e coloridas.

Ha ironias deliciosas, epigramas espirituosos, caricaturas magistraes— e ha, sobretudo,

em todos aquelles tres atos, o riso, o portu-guez e alegre riso, tão sonoro e claro, d'esse excelente e carinhoso Schwalbach.

Gervasio Lobato foi o comediografo dos ridiculos do dinheiro; Schwalbach é o comediografo da vaidade. Ninguem, melhor do que ele, cria a caricatura burgueza— e ringuem, entre os nossos homens de teatro, sabe, melhor do que ele falar ao povo, sem ser plebeu e dizer verdades graciosas, sem ser complicado ou fatuo. Não conheço ninguem que disponha na sua obra, como na sua intimidade, de um maior poder de suggestão. Na sua nova revista, Schwalbach diz muitas verdades, mas tem o ar amavel de quem diz mentiras e mais uma vez se de-



«Rainha Santa Izabel», d'As Verdades e Mentiras



monstra que, se nem toda a gente come palha, toda a gente ouve verdades, quando lh'as sabem dizer...

«O Satiro» no Teatro

Apolo

Estava escrito á porta o conhecido distico, «Palais Royal — delicado eufemismo que convida quem entra a deixar no bengaleiro o pudor e as meninas menores. Livre d'esses embaraços, o publico do Apolo riu, saboreou, gostou e aplaudiu a peça e os interpretes, entre os quaes, distinguim



Jorge Grave e Adelia Pereira.

A. de C.

P. S.—No teatro Nacional representou-se na passada 4.ª feira, com muito exito, a peça em 3 atos A Sombra, a que nos referiremos na semana proxima.

(Ilustrações do caricaturista sr. Hippolito Colomb)



Do quadro A Paz, d'As Verdades e Mentiras



Fide-Theatrc: Uma cena do Testamento da Velha

CONTRA a
ASTHMA
 o PÕ
 da **ABYSSINIA**
EXIBARD
 alloir
 instantanea ~nte
 H. F...E. GLOTTIÈRE & C^{os}
 6, Rue Dombasle, Paris.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO *Sociedade Anonima*
resposta Utilizada

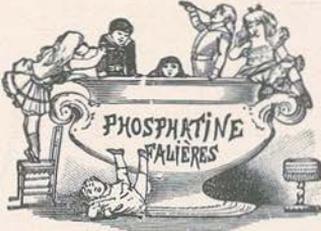
Ações	300.000.000
Obrigações	333.910.000
Fundos de reserva e amortisa- ção	266.000.000
Ré	900.310.000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Tomar), Peneiro e Casal de Herminio (Lousã), Vale Maior (Abercavim-a-Velha). Installadas para uma produçào annual de seis milhões de kilos de p.p. e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressào e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações e papeles de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes lojares e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua d Princesa, 276
 PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:
 Companhia Prado. Numero telefonico: Lis-
 boa, 605—Porto, 117.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"
 é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formaçào dos ossos, Impede a diarrrhéa, tão frequente nas crianças.
PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCERIAS.

Inglez prático
 O NOVO METODO
Inglez em 15 dias
 sem livros, sem estudo, com pronunciaçào figurada e conversaçào, por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se li-
 vros separados a 70 réis. Curso completo 500 réis. Copria-
 inde do autor. Pelo correio 520 réis fortes. Remete-se a quem enviar esta importancia em vale do correio a Mr. F. Alexander.
 95, Rua Nova do Almada, s/l. D.
LISBOA

REMEDIO FRANCÊS
XAROPE FAMEL
 CURA INFALLIVEMENTE
 BRONCHITES
 Mesmo Chironicas
TOSSES
 ASTHMA
FRASCO 1 ESCUDO
 Em todas as pharrnacias ou no deposito geral
 J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.
 Franco de porte compranda 2 frascos.

Trabalhos de Zincogravura, Impressão e
 Fotogravura, Stereotipia, Composição

FAZEM-SE NAS OFICINAS DA

Illustração Portuguesa

Postas á disposiçào do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcédível perfeiçào

Stereotipia
 De toda a especie de composiçào

Composiçào e impressào
 De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Zincogravura e Fotogravura
 Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nicklado.
 Em cobre.
 A côres, pelo mais recente processo—o de tricromia.
 Para jornaes, com t-rasmas especiaes para este genero de trabalho.

OFICINAS DA Illustração Portuguesa RUA DO SECULO, 43

Grande Hotel Internacional

LISBOA

PROPRIETARIOS:

Francisco F. Gonçalves
Junior & C.^a
(Irmãos)



GERENCIA

DE

Francisco F. Gonçalves

ENTRADA: RUA DA BETESGA, 75 (ROCIO)

Frentes para as ruas Augusta, Betesga, Praça D. Pedro e Correiros

O hotel mais bem situado da capital,
dispondo de todo o conforto moderno

INSTALAÇÕES ELETRICAS — ASCENSOR — SALÕES DE FUMO E DE VISITAS
CASAS DE BANHO — CAIXA DE CORREIO

Telefone 1822 — Endereço telegrafico: HONAL

CORRETOR A TODOS OS VAPORES

On parle toutes les langues — Grand Restaurant